

# Consórcio da CSN preserva o Centroleste

*O grupo, se vencer o leilão da Vale, não só manterá o corredor, como realizará investimentos para ampliar o volume de cargas*

JOSÉ ANTÔNIO SARCINELL  
Enviado especial

RIO - O Corredor Centroleste continuará tendo papel de destaque dentro da carteira de negócios da Vale, caso o Consórcio Brasil, liderado pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), assuma o controle acionário da estatal. "A força da Vale está no seu conjunto de negócios. O Sistema Sul (Tubarão) e Norte (Carajás) são dois corredores que atuam em paralelo. Vamos realizar todos os investimentos necessários para manter e otimizar a operação de ambos", revelou o presidente do Conselho de Administração da CSN e principal articulador do consórcio, Benjamin Steinbruch.

O dirigente adiantou que a Vale não será dividida e que o consórcio a administrará "por inteiro", independente dos interesses específicos que possam existir entre seus participantes. "Não vamos priorizar algumas áreas em detrimento de outras. Entendemos que todos os ativos da Vale são bons. O que faremos, depois de avaliarmos melhor as necessidades de cada setor de atuação, é priorizar os investimentos considerados estratégicos para a companhia". De acordo com ele, está fora de cogitação a possibilidade de concentrar os negócios em ouro, papel e celulose e minerais.

Dentro desta política, Steinbruch admitiu, durante entrevista concedida na sede da CSN, no 36º andar da Torre do Rio Sul, na Praia de Botafogo, no Rio, na última segunda-feira, véspera da primeira data do leilão, que o projeto da atual diretoria da Vale de disputar a concessão do Porto de Barra do Riacho, em Aracruz, e transformá-lo em um terminal contêiner de porte, capaz de competir com Sepetiba, será avaliado pelo consórcio. "O que for estratégico será mantido. A Vale será preservada como uma empresa independente dentro de seus objetivos específicos". O temor dos que se opõem à venda, acreditando que ela resultará no sucateamento da empresa, conforme disse, não procede. "A Vale não será sucateada de jeito nenhum. Pelo contrário, terá novos

prioritários". Diante das dezenas de investimentos em andamento no país, o dirigente antecipou que esta tarefa não será fácil.

**CONSÓRCIO** - A espinha dorsal do Consórcio Brasil é composta por, além da CSN, os fundos de pensão da Caixa Econômica Federal (Funcef), Banco do Brasil (Previ), Petrobrás (Petros) e da Companhia Energética de São Paulo (Fundação Cesp), o banco americano Nations Bank e o Banco Opportunity. Agregam peso financeiro e empresarial o Grupo Vicunha, a Companhia Suzano de Papel e Celulose e a Gencor. A Alcoa Alumínios do Brasil S/A deixou o consórcio na segunda-feira, véspera da data oficial do leilão.

A saída da Alcoa, segundo disse, não enfraquece o consórcio. Ele informou que nem todas as empresas pré-qualificadas para o leilão haviam fechado com a CSN a participação no consórcio. "Somente na última hora é que vamos definir todos os sócios e a participação financeira de cada um no consórcio". A meta no entanto é limitar a participação de cada grupo em 20% ou 25%, para garantir o equilíbrio de forças. "A Alcoa foi pré-qualificada para, num segundo momento, avaliar a participação no consórcio. Ela desistiu somente na véspera".

Steinbruch entende que o consórcio está bem assentado com os fundos e os dois bancos. O Nations Bank vai investir na privatização US\$ 1,5 bilhão, sendo US\$ 1,2 bilhão em financiamento para a CSN e os restantes US\$ 300 milhões em participação direta no consórcio. A entrada da Gencor foi definida na terça-feira. Outras três empresas poderão ainda aderir ao consórcio. Os nomes no entanto não foram revelados.

**SUSPENSÃO** - A suspensão do leilão, em função da enxurrada de liminares emitidas pela Justiça, em favor dos opositores à venda, não ameaça a costura do Consórcio Brasil. O presidente da CSN afirmou que a suspensão de certa forma foi benéfica, porque proporcionou um tempo a mais de negociação. "O adiamento gera desgast



## SEGURANÇA

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro: segurança reforçada para abrigar a disputa entre os dois consórcios pelo controle acionário da estatal

## Lance de um centavo custa R\$ 1 milhão

O controle acionário da Vale, dentro da estratégia traçada pelos dois consórcios concorrentes - o Valecom, liderado pela Anglo/American e pelo Grupo Votorantim; e o Brasil, articulado pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) - será disputado centavo a centavo. Serão ofertadas no leilão um lote único composto por no mínimo 104,3 milhões e no máximo 112,49 milhões de ações, com preço de "largada" fixado pelo Conselho Nacional de Desestatização (CND) em R\$ 26,67 a unidade. Dentro deste volume de papéis, cada

min Steinbruch", admitiu um destes operadores.

**PLANTÃO** - A expectativa da realização do leilão no decorrer da última terça-feira, mesmo com 14 horas de atraso - a venda estava programada para iniciar às 10 horas - exigiu dos principais personagens, tanto os operadores como os líderes dos dois consórcios - muita paciência para enfrentar um dia inteiro de espera. Restou a cada um acompanhar a batalha judicial travada pelos 120 advogados contratados Banco Nacional de De-

Anglo. "Haja coração para agüentar tudo isto", revelou Antônio Ermírio, em coletiva concedida na quarta-feira, no segundo dia de plantão à espera do leilão.

O principal ajuste no consórcio, segundo acrescentou o dirigente da Votorantim, envolveu o comando da empresa. "Não vou exercer a presidência. A Vale não será uma empresa familiar. Vamos contratar uma administração profissional". Antônio Ermírio revelou que só deixou a sede do Bozano, com destino a São Paulo, onde reside, às 22 horas, quase uma

na quarta-feira, quando afirmou que a saída da Alcoa não afeta o consórcio, porque a estrutura central - formada pela CSN, quatro fundos de pensão (Petros, Previ, Funcef e Cesp), dois bancos (Nations Bank e Opportunity, e dois grupos privados (Vicunha e Gencor) está mantida.

**PREGÃO** - Os representantes das duas corretoras permaneceram de plantão, na terça e na quarta-feira, na sala do pregão da Bolsa. Só deixaram o local para fumar e almoçar. Nos breves momentos de ausência,



na, acrescentando que ela resultará no sucateamento da empresa, conforme disse, não procede. "A Vale não será sucateada de jeito nenhum. Pelo contrário, terá novos investimentos".

**PRAZO** – O presidente do Conselho de Administração da CSN revelou que se o Consórcio Brasil assumir o controle da mineradora não serão adotadas medidas de mudança de rota num prazo de seis meses. Os 180 dias serão dedicados ao levantamento de todas as informações e projetos da empresa. Ao final deste prazo poderão ser feitos alguns ajustes, mas de maneira progressiva. Esta postura vale também para a política de recursos humanos e para o efetivo de pessoal na empresa.

O **day after** da privatização, dentro da proposta do Consórcio Brasil, não será marcado por desligamentos em massa de empregados. Steinbruch afirmou que não haverá demissões e que tudo o que for feito, nesta área, será decidido dentro de uma proposta dos próprios funcionários. "Os próprios funcionários da Vale avaliam que podem reduzir alguma coisa. Mas nada muito expressivo. O que vamos fazer, se ganharmos o leilão, será de acordo com eles", frisou.

Dentro do prazo de seis meses também não haverá mudança de rota nos investimentos. Projetos como a sétima usina de pelotização de Tubarão e a diversificação do porto, que envolvem quase R\$ 300 milhões, continuarão sendo executados. "Depois deste prazo é que vamos avaliar quais os projetos são

o Brasil. O presidente da CSN afirmou que a suspensão de certa forma foi benéfica, porque proporcionou um tempo a mais de negociação. "O adiamento gera desgaste físico e emocional. Mas não diminui o interesse dos grupos que integram o Consórcio Brasil em disputar as ações da Vale".

Steinbruch decidiu acompanhar o leilão da sede da corretora Fonte/Cindam, no centro do Rio, longe do tumulto da Bolsa de Valores. O dirigente ficou de plantão durante toda a terça-feira, até às 21h06m, horário em que o superintendente geral da bolsa, Sérgio Luiz Gerardi, anunciou oficialmente a suspensão do leilão. A expectativa da realização do leilão no dia seguinte (quarta-feira) levou o presidente da CSN para novo plantão da corretora. Não desejávamos a suspensão, e agora resta aguardar a definição sobre as liminares". Ele acredita na possibilidade de a venda ocorrer até o Dia das Mães, no próximo dia 11.

O Consórcio Brasil depositou na Comissão de Licitação e Custódia (CLC) da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, em garantias para o leilão, R\$ 3,0002 bilhões na forma de ativos reais e cartas de fianças. Steinbruch informou que a quantia não será retirada, porque o leilão foi suspenso e não adiado. A quantia permanecerá na CLC até a liquidação financeira, prevista para ocorrer três dias úteis após o leilão. Se a privatização da Vale ocorrer nesta segunda-feira, o consórcio vencedor terá que promover o pagamento das ações na quinta-feira.

com preço de "largada" fixado pelo Conselho Nacional de Desestatização (CND) em R\$ 26,67 a unidade. Dentro deste volume de papéis, cada centavo oferecido a mais representará um desembolso adicional de R\$ 1 milhão, quantia suficiente para comprar 83 carros populares zero quilômetro.

O palco da disputa, o pregão da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, será ocupado por apenas dois grupos de personagens: os operadores das corretoras contratadas pelos consórcios – a Fonte/Cindam, pelo lado do Consórcio Brasil, e a Bozano, Simonsen, representando o Valecom. Cada operador estará ligado, via telefone, diretamente com a sede de sua corretora, onde os líderes dos consórcios, definirão cada lance. "Temos uma autonomia pequena. Quem vai bater o martelo ou jogar a toalha será o Antônio Ermírio de Moraes ou o Benja-

frantar o dia inteiro de espera. Estão a cada um acompanhar a batalha judicial travada pelos 120 advogados contratados Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) contra as liminares contrárias à realização do leilão, em cerca de 130 cidades do país.

Enquanto os operadores aguardavam o desfecho da batalha na sala do pregão, o **chairman** do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, acompanhado do presidente e do vice-presidente da Anglo American do Brasil, respectivamente Patrick Esnouf e Juvenil Félix, aproveitou o tempo para ajustar alguns detalhes, envolvendo a participação de cada um no consórcio. O grupo permaneceu a postos durante todo o dia na sede do Bozano, Simonsen, na Avenida Rio Branco, no centro do Rio. "Ainda bem que a comida do Bozano é boa", disse um dos representantes da

ministração profissional". Antônio Ermírio revelou que só deixou a sede do Bozano, com destino a São Paulo, onde reside, às 22 horas, quase uma hora depois do superintendente geral da Bolsa, Sérgio Luiz Berardi, anunciar oficialmente a suspensão do leilão. Ele acrescentou que, em São Paulo, despachou até 0h30 da quarta-feira e depois de seis horas de sono retornou ao Rio, às 8 horas, para novo plantão na sede do Bozano.

Pelo lado do Consórcio Brasil, o presidente do Conselho de Administração da CSN, Benjamin Steinbruch, viveu situação idêntica. O dirigente chegou à sede da corretora Fonte/Cindam, na Avenida Presidente Wilson, no Centro do Rio, às 9 horas. Em mensagem passada ao pregão da Bolsa, disse que se necessário aguardaria 24 horas por dia, pela realização da venda. Steinbruch voltou à sede da corretora para novo plantão

plantão, na terça e na quarta-feira, na sala do pregão da Bolsa. Só deixaram o local para fumar e almoçar. Nos breves momentos de ausência, escalaram substitutos. Eles confienciaram que nunca viveram experiência semelhante. "O pior não é esperar. Mas não ter a certeza se haverá ou não leilão", afirmaram. Reservados, evitaram a todo momento falar sobre a estratégia para o leilão. Principalmente sobre o tamanho do ágio que cada consórcio estava disposto a pagar pela Vale.

Um operador da corretora do Bozano, Simonsen disse que a autonomia é pequena e que, na fase inicial do leilão, os lances poderão ser maiores. Mas na reta final, a disputa será centavo a centavo e ditada diretamente pelos líderes do consórcio, a Anglo American e o Grupo Votorantim. Um operador da Fonte/Cindam também evitou especular sobre o ágio.

## Mínimo, sem ágio, é R\$ 2,78 bilhões

mar a quantidade de ações que deseja adquirir – o mínimo de 104,31 milhões ou o máximo de 112,49 milhões – e a distribuição proporcional entre os sócios.

A opção pelo número máximo de ações em oferta representará um desembolso (sem considerar o ágio) de R\$ 3,00017 bilhões. Do

total de ações em oferta, 4,4 milhões são originárias dos acionistas minoritários, volume equivalente a R\$ 114,68 milhões, com base no preço mínimo unitário fixado pelo edital do BNDES. O consórcio vencedor deve promover a liquidação financeira do leilão (pagamento do preço mínimo mais o ágio)

três dias úteis após a "batida do martelo".

A data fixada pelo edital para o pagamento era o próximo dia 5 de maio. Em função da suspensão do leilão, o BNDES decidiu emitir comunicado de fato relevante, fixando apenas o número de dias úteis após o leilão. Se a venda ocorrer amanhã, o pagamento deverá ser feito portanto na quinta-feira.

As garantias para a liquidação financeira estão depositadas na Comissão de Liquidação e Custódia (CLC) da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro desde o dia 28 de abril, véspera da primeira data do leilão. Cada consórcio depositou, entre ativos reais e cartas de crédito, entre outras garantias, o equivalente a R\$ 3,0002. O valor das garantias correspondeu ao preço total do lote máximo de ações que serão ofertadas.

### O QUE SERÁ LEILOADO

Lote mínimo	104.311.867 ações ordinárias (26,85% do capital social)
Lote máximo	112.492.414 ações ordinárias (28,95% do capital social)
Preço inicial por ação	R\$ 26,67
Valor do lote mínimo	R\$ 2.781.997.492,89 (sem ágio)
Valor do lote máximo	R\$ 3.000.172.681,38 (sem ágio)
Data de pagamento	três dias úteis após o leilão
Lances permitidos	Acréscimo mínimo de R\$ 0,01 sobre o preço da ação

Fonte: Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ)

## Concorrentes oficiais são subsidiárias

Os grupos que disputarão a privatização optaram por participar dos consórcios através de empresas subsidiárias. O consórcio Valecom Participações S/A, liderado pela Anglo American e pelo Grupo Votorantim, é formado oficialmente, segundo edital publicado pela Comissão de Liquidação e Custódia (CLC) da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, pela Yekiá Participação S/A, Japão Brasil Participações, Caemi Participações S/A, Fundação Banco Cen-

tral de Previdência Privada e Brompton Ventures Limited.

O Consórcio Brasil, cujo nome oficial perante à CLC é Valepar S/A, credenciou para o leilão a Textília S/A, Eletron S/A, Alcoa do Brasil Indústria e Comércio, Litel Participações S/A, Sweet River Investments Ltd e Suzanopar International S/A. A líder do consórcio, a Companhia Siderúrgica Nacional, participa através da CSN Steel Corp. e da CSN Panamá S/A.

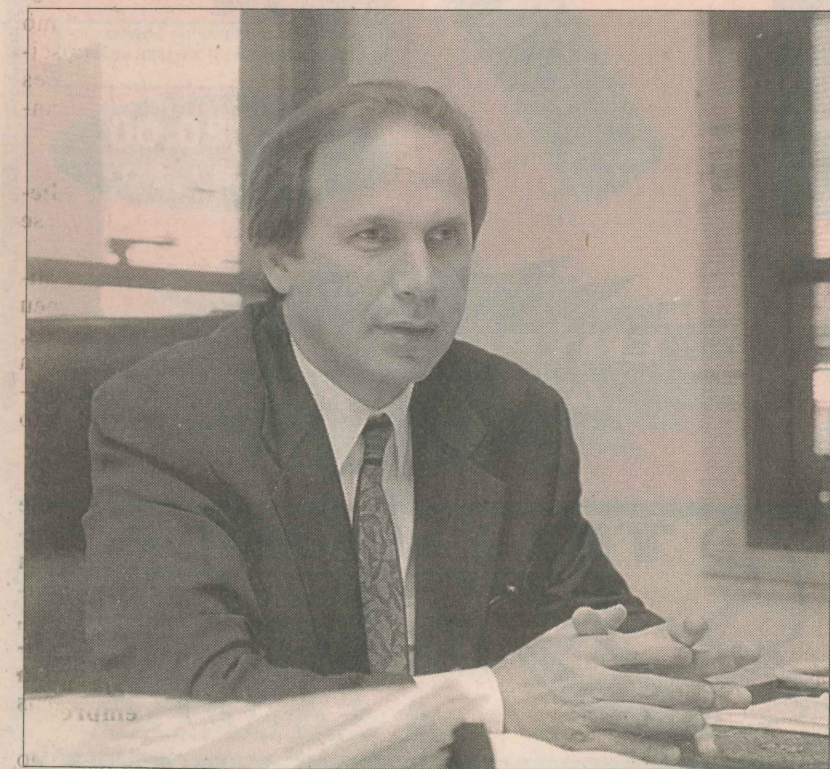
Segundo "tradução" feita pelos

operadores da Bolsa do Rio, do lado do Consórcio Valecom, a Yekiá Participações significa o Grupo Votorantim; Brompton Ventures, a Anglo American; Caemi Participações, a associação Caemi/Mitsui; Fundação Banco Central de Previdência Privada, o fundo de pensão Centrus; e Japão Brasil Participações, o **pool** de 11 empresas japonesas, liderado pela Nippon Steel.

Já pelo Consórcio Brasil, conforme os operadores, Textília S/A deve ser traduzido como Grupo Vi-

cunha; Eletron como os quatro fundos de pensão (Previ, Funcef, Petros e Fundação Cesp); Litel Participações S/A como Gencor; Suzanopar International como Companhia Suzano de Papel e Celulose; e Sweet River Investments como Banco Opportunity.

O resultado oficial da pré-identificação dos candidatos foi divulgado pela CLC às 9 horas da última terça-feira, uma hora antes da abertura oficial do primeiro pregão para a privatização da empresa.



**INVESTIMENTOS**  
Steinbruch: conjunto dos negócios garante a força da Vale do Rio Doce